



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na entrega do relatório do Seminário de Valorização da Produção Cultural Brasileiro-Globo

Brasília-DF, 06 de julho de 2004

Antonio, “pai herói” é porque quando a novela estava passando, nós estávamos no auge das greves do ABC e, nas fábricas, as pessoas me chamavam de “pai herói”. Então, qualquer semelhança é mera coincidência.

Primeiro, eu quero agradecer, tanto à PUC quanto à Globo, pela idéia da realização do seminário. Eu penso que quando duas instituições como a PUC e a Globo resolvem fazer um seminário convocando para debater o que nós temos de mais importante no Brasil, na área cultural, o resultado não poderia deixar de ser positivo para o futuro da cultura que todos nós queremos no Brasil.

Certamente, este documento que vocês estão entregando vai servir para um bom debate no governo, coordenado pelo Ministério da Cultura, junto com a Casa Civil. Nós vamos enviar este documento para vários ministérios que têm coisas a ver com as recomendações do texto. Vamos determinar um prazo para que cada ministro possa responder a parte que cabe ao seu ministério, e vamos ver se, a partir daí, nós conseguimos transformar tudo aquilo em que houve concordância, em leis ou em políticas públicas que possam garantir que o Brasil tenha, cada vez mais, uma ação cultural ativa e positiva. Porque isso combina com um pouco daquilo que nós acreditamos e estamos colocando em prática na política externa brasileira.

Nós sempre achamos que um país do tamanho do Brasil, com a diversidade cultural que tem o Brasil, com a dimensão tanto cultural quanto de outras riquezas que tem o Brasil, não pode mais ficar agindo no mundo como se fosse um “zé ninguém”, com se fosse uma coisa menor, como se tivesse



sempre que estar pedindo licença para fazer as coisas. Nós, na verdade, sempre deveremos pedir licença para os outros por educação, mas nunca por sermos subalternos, ou nunca por sermos tratados de jeito inferior.

Em todas as viagens que temos feito, em muitas delas o Gilberto Gil tem viajado conosco, é uma orientação de todo o governo que em todos os debates que façamos em nível internacional, e a imprensa tem acompanhado, a questão da cultura seja vista como uma coisa estratégica para a interação que o Brasil pretende fazer com o restante do mundo. Na nossa concepção, não haverá uma globalização total, ideal, que possa atender aos interesses dos mais diferentes povos, se não houver uma integração também cultural, respeitando as particularidades de cada país.

Por isso eu quero agradecer a vocês o trabalho, ao nosso querido Antonio Carlos Ronca, que pela primeira vez vem aqui, ao Palácio do Planalto, na minha gestão, pelo menos. A vocês artistas, intelectuais do cinema, do teatro, a presença de vocês aqui, por si só, demonstra o acerto do gesto que vocês fizeram ao realizar o seminário. Eu já tenho conhecimento, mais ou menos, das coisas que vocês estão recomendando. Eu acho que grande parte delas combina com aquilo que o Ministério da Cultura tem discutido e tentado colocar em prática. Ainda esta semana, participamos de um seminário, de um encontro mundial de cultura, em que nós pudemos dizer um pouco aquilo que nós pensamos da nossa cultura para o nosso povo.

E, certamente, este documento vem enriquecer o poder de decisão que nós possamos ter, daqui para a frente, na elaboração das leis que precisam ser mudadas e aperfeiçoadas, mas também para o aperfeiçoamento da nossa prática, porque muitas vezes não é apenas a lei, muitas vezes é o ato, é o gesto, é a disposição, é a vontade política e isso, vocês podem ter certeza, não falta. Eu tenho dito que um governo não pode ser medido apenas pela quantidade de obras que faz, de estradas, de portos, de viadutos, de postes ou



outras coisas. Um governo pode ser medido pelo padrão de relacionamento que estabelece com os mais diferentes agentes da sociedade brasileira.

Esse novo padrão de relacionamento é que precisa consolidar definitivamente a nossa cultura democrática, o aprendizado do exercício diário da democracia a que todos nós estamos submetidos.

Por isso, eu quero agradecer de coração o trabalho de vocês, quero agradecer de coração a vinda de vocês aqui. Para mim é importante porque eu imaginei que a Regina Casé era mais brincalhona. Ela está ali, parece uma santa, como diria minha mãe: “parece uma santa do pau oco”, ali quietinha no canto dela. O Casseta e Planeta está ali, sem fazer nenhuma gracinha, hoje. Mas, de qualquer forma, eu quero agradecer a vocês. Para nós, do governo, para o Ministério da Cultura, para o Juca que está substituindo, neste momento, o Gilberto Gil, para o José Dirceu, para o Eunício, ministro das Comunicações, é gratificante saber que muitos de nós, sem nos conhecermos, na hora em que colocamos no papel as coisas que nós pensamos, temos muito mais afinidades do que discordâncias. E é isso que pode consolidar uma boa política de cultura para o nosso país.

Muito obrigado.